

# **SOBRE A ATUALIDADE DE UMA ILUSÃO: PSICANÁLISE E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NO LAÇO SOCIAL CONTEMPORÂNEO<sup>1</sup>**

## **ON THE CURRENT AFFAIRS OF AN ILLUSION: PSICANÁLISE E RELIGIOUS EXPERIENCE IN THE CONTEMPORARY SOCIAL BOND**

Guilherme Silva de Lima<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente ensaio buscou compreender quais foram as modificações operadas no sentido da experiência religiosa, tomando a interpretação psicanalítica freudiana do começo do século XX face às transformações culturais que reposicionaram as religiões no laço social contemporâneo. Examinou o desenvolvimento de religiões de matriz protestante, que culminaram no surgimento de vertentes contemporâneas, conhecidas como pentecostalismo e neopentecostalismo, procurando discutir a atualidade da interpretação psicanalítica sobre a experiência religiosa enquanto uma forma de “ilusão” frente ao desamparo humano. Usando como base uma revisão integrativa articulada ao ensaio teórico, foram revisados textos sociais de Freud e comentadores a respeito do tema religião. Concluiu-se que a motivação da busca pela religião destes fiéis segue muito semelhante ao apontado pela Psicanálise em “O Futuro de uma Ilusão” há quase um século, sendo que a principal mudança diz respeito às estratégias que as igrejas da atualidade utilizam para engajar o fiel na “atualidade” desta ilusão, em forte articulação com o discurso capitalista neoliberal.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Cultura. Experiência religiosa. Laço social.

### **ABSTRACT**

This essay sought to understand what changes were made in the sense of religious experience, taking the Freudian psychoanalytic interpretation of the beginning of the 20th century in light of the cultural transformations that repositioned religions in the contemporary social bond. It examined the development of Protestant-based religions, which culminated in the emergence of contemporary strands, known as Pentecostalism and neo-Pentecostalism, seeking to discuss the current psychoanalytic interpretation of religious experience as a form of “illusion” in the face of human helplessness. Using as a basis an integrative review linked to the theoretical essay, social texts by Freud and commentators on the topic of religion were reviewed. It was concluded that the motivation for these believers' search for religion remains very similar to that pointed out by Psychoanalysis in “The Future of an Illusion” almost a century ago, and the main change concerns the strategies that today's churches use to engage the faithful to the “actuality” of this illusion, in strong articulation with the neoliberal capitalist discourse.

**Keywords:** Psychoanalysis. Culture. Religious experience. Social bond.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Psicologia, desenvolvido no segundo semestre de 2024, sob orientação do Prof. Dr. Cleber Gibbon Ratto.

<sup>2</sup> Acadêmico do 10º período do Curso de Graduação de Psicologia da Universidade La Salle - UNILASALLE. Contato eletrônico: [gui.silvadelima@gmail.com](mailto:gui.silvadelima@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

A religiosidade está presente na espécie humana há mais tempo do que a constituição da civilização propriamente dita. Dizer que a religião é uma invenção recente é um argumento que está parcialmente correto. A religião como conhecemos hoje, sim, se trata de uma invenção mais recente da história humana, porém, o seu cerne, que é a própria religiosidade em si, transcende a história humana conhecida. Podendo remontar a períodos antes mesmo do início da prática do plantio e mudança do estilo nômade, caçador-coletor, para o sedentário uso da agricultura.

Seja para explicar ou compreender fenômenos da natureza, comportamentos animais, reações biológicas ou sentimentos humanos, a busca por uma fonte externa do desamparo humano levou os seres humanos a personificar essas experiências em figuras conhecidas por sua cultura e meio social. Até o ponto em que somente a personificação externa em entidades, em formas de vida inanimada ou animais, tornou-se insuficiente, ocorreu um processo de identificação do humano com o divino, sendo ele feito à sua imagem, tornando Deus, ou deuses, figuras representativas como forma de controle sobre seu desamparo.

Entende-se religião como o conjunto de acordos, escritos ou passados de boca-a-boca por seguidores; histórias ou contos a respeito de suas divindades, feitos, castigos, milagres; modos de conduta e comportamento, bem como um modo de como sua divindade deve ser louvada; líderes representantes desses preceitos e fiéis, seguidores das crenças, regras e do poder em si da divindade ou divindades ali representadas. Posto isto, cada religião preenche essas lacunas com seu próprio formato, porém, com o crescimento e evolução humana, o surgimento das primeiras civilizações, impérios, uniões e países, a cultura trilhou o mesmo caminho, alterando a percepção da religião por parte daqueles que a produzem, bem como daqueles que a apropriam, alterando também a concepção da própria civilização do que significa religiosidade.

Destaca-se também a expansão religiosa de determinadas vertentes, como igrejas de natureza pentecostal (Assembleia de Deus, Deus é Amor, Universal do Reino de Deus), bem como igrejas de natureza não pentecostal

(batista, presbiteriana, anglicana e adventista); frente a um decaimento do número de fiéis de igrejas católicas, que durante toda a história do Brasil tiveram uma maior expressividade no número de adeptos.

Com base no Censo do IBGE de 2023, projeções calculam que a vertente das igrejas protestantes seja maioria no Brasil até 2032, ultrapassando a igreja católica. Segundo ainda o estudo da Global Religion de 2023<sup>3</sup>, o Brasil é o país com a maior porcentagem de habitantes que creem em Deus ou alguma entidade superior que rege o universo. Em um estudo realizado pelo Centro de Pesquisas Metr pole<sup>4</sup>, durante os anos de 2010 e 2019, o número de templos pentecostais quase dobrou (24.532 em 2009, para 48.555 em 2019). Ainda em 2019, a média de templos e/ou locais de cultos abertos por dia era de 17, e somente a igreja Assembleia de Deus teve uma expansão destes locais em 115% no mesmo período.

O presente trabalho busca compreender quais foram as modifica es operadas no sentido da experiência religiosa, tomando a interpreta o freudiana do começo do século XX face às transforma es culturais que reposicionaram as religiões no laço social contemporâneo. Compreendendo de que forma essas transforma es alteraram o sentido em que a experiência religiosa   compreendida por seus praticantes e líderes, em contraponto   interpreta o freudiana formulada há quase um século.

Este trabalho será conduzido por meio da descri o e interpreta o freudiana acerca da experiência religiosa, a partir de textos clássicos da Psicanálise e comentadores. São objetivos específicos do ensaio: problematizar a expansão das crenças e práticas religiosas de diferentes vertentes na atualidade e seu papel no laço social contemporâneo; relacionar a experiência religiosa da atualidade com a interpreta o psicanalítica, levando em conta as transforma es culturais do último século; inventariar as principais discussões sobre o tema na literatura científica recente; discutir a atualidade da interpreta o psicanalítica sobre a experiência religiosa enquanto uma forma de "ilusão" frente ao desamparo humano.

---

<sup>3</sup> FONTE: <https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/202305/Ipsos%20Global%20Advisor%20-%20Religion%202023%20Report%20-%2026%20countries.pdf>

<sup>4</sup> FONTE: [https://centrodametropole.fflch.usp.br/sites/centrodametropole.fflch.usp.br/files/cem\\_na\\_midia\\_anexos/NT20.pdf](https://centrodametropole.fflch.usp.br/sites/centrodametropole.fflch.usp.br/files/cem_na_midia_anexos/NT20.pdf)

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

O presente trabalho consiste em um ensaio teórico com revisão bibliográfica integrativa, usando como temática a relação humana com a religiosidade e seus efeitos no laço social contemporâneo, posto em perspectiva com a visão desta relação, analisada por Sigmund Freud em seus estudos sobre a sociedade do início do século XX, pensamentos estes presentes nos respectivos textos: O futuro de uma ilusão (Freud, 1927) e O mal-estar na civilização (Freud, 1930 [1929]). Juntamente com a revisão dos textos-base, propõe-se uma análise de trabalhos contemporâneos, de pensadores e comentadores posteriores a Freud, relativos ao referente tema, bem como notícias e acontecimentos midiáticos que sirvam de embasamento para uma posterior discussão a respeito dos desdobramentos na cultura, que os quase 100 anos após a publicação das obras de Freud podem ter vindo a revelar sobre as alterações transcorridas em nossa sociedade.

O ensaio teórico é um tipo de apresentação textual que não se prende às amarras dogmáticas e tradicionais, cercadas de critérios e exigências, utilizadas na produção de um texto científico, comumente utilizado no meio acadêmico. Tampouco deixa de ser uma produção que pouco se atém à seriedade e conhecimentos empíricos, um ensaio busca aproximar o leitor de quem o escreve, e quem escreve de seus leitores, usando uma formatação e condução de ideias que não segue necessariamente uma linha regradada de eventos temporais, podendo incluir passagens culturais que fogem do âmbito científico da área estudada em questão.

Um ensaio busca usar sua possibilidade de liberdade criativa para expor a quem o lê os possíveis caminhos do pensamento crítico e questionador, utilizados pelo autor na construção de sua obra. Conforme a interpretação de Jorge Larrosa (2003, p.111), o “ensaísta não lê e escreve para a eternidade, de forma atemporal, como tampouco lê e escreve para todos e para ninguém, mas, sim, para um tempo e para um contexto cultural concreto e determinado”.

Propondo uma discussão entre os pensamentos passados de Freud a respeito da relação da civilização de sua época com a religiosidade, juntamente

com seus posteriores comentadores e pensadores contemporâneos do tema, propõe-se uma revisão integrativa dos materiais. Uma revisão integrativa consiste em um método de pesquisa que busca identificar, analisar e sintetizar os conhecimentos e evidências sobre um tema específico, apresentando e propondo possíveis atualizações a respeito do assunto, buscando agregar a comunidade científica sobre o que se pensa na contemporaneidade a respeito de um tema, frente ao que se pensava no passado, provando, corroborando ou corrigindo o que se pensava a respeito de algo. Segundo Souza, Silva e Carvalho (2010, p.102), frente a um cenário contemporâneo de um aumento exponencial da produção de artigos científicos, “[...] a revisão integrativa emerge como uma metodologia que proporciona a síntese do conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática”.

Para a elaboração da revisão integrativa, foram escolhidos como buscadores o Google Acadêmico e a plataforma Pepsic, servindo-nos dos seguintes descritores: “psicanálise”, “religião”, “crença”, “fanatismo”, “cultura”, “atualidade” e “ilusão”, para a plataforma de busca Google Acadêmico, considerando o período de 2019 a 2024; e “psicanálise”, “religião” e “cultura”, para a plataforma Pepsic, sem filtrar períodos. Inicialmente, foram levantados 363 títulos no Google Acadêmico e 11 no Pepsic. Feita a leitura dos títulos e selecionados apenas artigos científicos diretamente relacionados ao tema, restaram 5 textos no Google Acadêmico e 6 no Pepsic, para leitura dos resumos. Após a leitura dos resumos, optamos por incluir intencionalmente para estudo na íntegra, um total de 6 artigos, sendo 4 encontrados no Google Acadêmico e 2 no Pepsic. Os artigos selecionados dizem respeito diretamente ao tema desta pesquisa, tendo servido de referência para interlocução com as investigações desenvolvidas sobre o tema e, ainda, para estabelecer conexões com os textos clássicos psicanalíticos escolhidos para exploração mais detalhada.

No quadro abaixo estão apresentados os artigos que foram selecionados para estudo na íntegra e incorporados ao ensaio teórico, indicando ano de publicação, autoria, título e o periódico onde foi originalmente publicado. São eles:

**Quadro 1 - Artigos selecionados**

<b>ANO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>PERIÓDICO</b>	<b>BASE</b>
2023	CRUZ, G. R.	<i>A influência da espiritualidade na vida dos sujeitos: uma visão psicanalítica</i>	Psicologia, da Faculdade de Cuiabá – FASIPE	Google Acadêmico
2021	TORRANO, L. M.	<i>O mal-estar contemporâneo, sentimento oceânico e humanidade</i>	Berggasse 19	Google Acadêmico
2021	OLIVEIRA, T. A.	<i>Considerações sobre o fundamentalismo religioso a partir da crítica freudiana à religião</i>	Revista Subjetividades	Google Acadêmico
2018	FIRMINO, C.E.	<i>Felicidade e religião em Freud: uma leitura crítica</i>	Estudos e Pesquisas em Psicologia	Pepsic
2010	NETO, G. A. R. M.; DA SILVA JUNIOR, M. C.	<i>A sedução divina no neopentecostalismo: um estudo psicanalítico</i>	Revista Mal-estar e Subjetividade	Pepsic
2008	CHAVES, W. C.; GONÇALVES, R. H. G.	<i>Considerações a respeito da concepção de religião nos textos freudianos “O futuro de uma ilusão” e “O mal-estar na cultura”</i>	Revista Mal-estar e Subjetividade	Pepsic

Fonte: o autor, 2024

### 3 EXPLORAÇÃO DO MATERIAL

Para uma fácil compreensão do tema central dos artigos aqui selecionados, iremos apresentar uma breve síntese explicitando seus objetivos, metodologia e resultados, se houver.

Em seu artigo de revisão bibliográfica de 2023, intitulado *A influência da espiritualidade na vida dos sujeitos: uma visão psicanalítica*, Graciele Regina da Cruz Graciele nos convida a refletir a respeito dos conceitos positivos não somente da religião, mas também da espiritualidade como um todo, perpassando por uma rememoração dos conceitos psicanalíticos de Freud, sua interpretação do que é religião, a opinião de pensadores modernos sobre o tema e suas implicações na constituição do sujeito. A autora também evidencia que, apesar da visão de Freud sobre a religião em sua época, autores posteriores, como Jung, Winnicott e Lacan, encaram a religião como algo benéfico e constituinte para o ser humano, como pode ser evidenciado ao dizer

que a psicanálise "é influenciada e moldada pelo contexto cultural e espiritual no qual é praticada." (Cruz, 2023, p. 37)

No texto de 2021, *O mal-estar contemporâneo, sentimento oceânico e humanidade*, Luciana Marchetti Torrano se debruça sobre o tema do sentimento oceânico presente em todos os seres humanos, que segundo a autora, amparada por estudos de Freud, Bion, Winnicott, entre outros autores, carecem de um pertencimento a um local ou algo que simbolize este local, tendo em vista que nunca iremos retornar ao útero materno, onde tínhamos segurança, alimento e conforto, e somos forçados a encarar o mundo hostil, com guerras, fome, solidão e desamparo.

A autora também critica a relação que alguns fiéis têm com sua religião, estando dispostos até mesmo a se matarem em nome de sua fé, para satisfazer o seu Deus, como pode ser evidenciado por Luciana no seguinte trecho de sua escrita: "busca ser especial e lembrado, nesse contexto do ódio, já que a nossa cultura não pode proporcionar dignidade e humanidade a esses homens e mulheres que se explodem em busca do retorno ao paraíso" (Torrano, 2021, p.76).

Em seu texto de 2021, *Considerações sobre o fundamentalismo religioso a partir da crítica freudiana à religião*, Thiago Araújo Oliveira discorre sobre uma possível origem, desenvolvimento e disseminação do movimento fundamentalista religioso, usando de autores como Oro, Bonome e os escritos sociais de Freud, para desenvolver e buscar entender psiquicamente a relação do homem com sua fé.

Thiago discorre sobre a interpretação freudiana e da psicanálise a respeito do motivo da fé fundamentalista exigir a exclusividade de seus praticantes, bem como, em muitos casos, o ódio dirigido a outras religiões, como ele mesmo descreve ao dizer: "Nesse sentido, pode-se compreender o porquê de os grupos fundamentalistas serem, normalmente, intolerantes para com a diversidade na sociedade, pois eles necessitam deslocar a pulsão agressiva e destrutiva para algum alvo". (Oliveira, 2021, p. 9)

Carlos Eduardo Firmino se dedica à temática da felicidade, em seu artigo de 2018, *Felicidade e religião em Freud: uma leitura crítica*, no qual analisa a interpretação de Freud a respeito da relação do homem do século XX com a religião, pensando sobre o motivo que poderia levar o ser humano a

buscar a plenitude proposta por ela, movimento este chamado algumas vezes por Freud de uma “ilusão de massas”, e até mesmo uma “paranoia coletiva”. O autor relembra a tese de Freud de que a religião infantiliza o fiel, para o mesmo permanecer em seu local de desamparo parental, o que o distancia da busca da educação sobre a realidade, essa última atrelada ao mundo real e à ciência, que nem sempre tem como objetivo a busca da felicidade.

Carlos Eduardo conclui, assumindo a dificuldade de todos esses “fiéis” de terem acesso à educação científica e olhando por meio deste prisma, que a psicanálise passa a ser a proposta iluminista da história, ao mal-estar contemporâneo. E demonstra isto ao dizer que “nem todos estão disponíveis para o trabalho psicanalítico, assim como nem todas as pessoas, em que pese o cálculo de Pascal, apostam na promessa da religião”. (Firmino, 2018, p. 682)

Através de uma revisão bibliográfica, em *A Sedução Divina no neopentecostalismo: um estudo psicanalítico*, tendo como enfoque o movimento neopentecostal e sua relação e poder sobre os fiéis, Neto e Da Silva Junior (2010) buscam entender os movimentos e mudanças ocorridas no protestantismo que culminou no que conhecemos hoje como neopentecostalismo, com suas promessas de riqueza, saúde e sucesso, através da Teologia da Prosperidade (Mariano, 1999), bem como da Teologia do Domínio (idem). Esta segunda pondo o fiel em uma situação de temor em relação ao perigo do mal exterior, representado não somente pelo Diabo, mas também por seus representantes, como outras religiões que concorrem por espaço nesse mesmo nicho de “mercado”, ou por aqueles que não seguem os preceitos e regras prescritos.

Os autores também embasam sua análise através de estudos das principais obras de Freud a respeito da relação da sociedade com a religião, fazendo paralelos teóricos do setting religioso e a estruturação do inconsciente, como descrevem - “Assim, enquanto a representação de Deus pode ser compreendida enquanto reunião das traduções bem sucedidas, da pulsão ligada, sobrevivendo o enlevo, o Diabo atua como reservatório, um mito, que dá conta da sexualidade desligada e todos os perigos dela decorrentes”. (Neto e Da Silva Junior, 2010, p. 780)

Em uma revisão bibliográfica de 2008, *Considerações a respeito da concepção de religião nos textos freudianos “O futuro de uma ilusão” e “O mal-*

*estar na cultura*”, utilizando os dois principais textos de Freud a respeito da temática da religião, os autores Wilson Camilo Chaves e Rita Helena Gonçalves Nani revisitam os textos originais em busca de uma caracterização a respeito da visão de Freud sobre a religião da época. Através desta revisão, os autores chegam à conclusão de que ambos os textos contêm a mesma ideia e conceituação da relação humana com a religião. A religião aparece nesses textos clássicos de Freud como uma ilusão do desejo humano, baseia-se e fortifica-se no desamparo humano frente aos males da finitude corpórea, às forças da natureza e aos problemas em nossas relações.

Os autores destacam que a simbolização do Deus-todo-poderoso remete à sensação de segurança fornecida pelo pai durante o início do desamparo infantil, como podemos observar na seguinte citação: “Ou seja, seria a reedição da necessidade de proteção de um pai vivida na infância, de uma proteção contra um poder superior do destino.” (Chaves e Nani, 2008, p.454)

#### **4 UMA “RELIGIÃO” CONTEMPORÂNEA**

Segundo pesquisas do Censo brasileiro de 2023 (IBGE, 2023), a religião de vertente neopentecostal, conhecida no Brasil como neopentecostalismo, irá assumir o posto de religião predominante na população brasileira até o ano de 2032. Estes estudos se embasam na crescente expansão desta vertente religiosa, atrelada às mudanças culturais presentes em nossa sociedade, que perpassam a vida pessoal de seus fiéis, popularmente conhecidos como “crentes”, passando por questões políticas, intelectuais, de classe social e inclusive econômicas.

Para começarmos a entender a mudança na relação da experiência religiosa destes fiéis com a espiritualidade propriamente dita, buscaremos entender o perfil médio deste fiel, sua posição frente a estas mudanças e sua relação no laço social contemporâneo. Seriam as religiões atuais um reflexo de seus fiéis, ou seus fiéis que as moldaram a seu gosto, interpretando os escritos sagrados à sua vontade, encaixando-os no contexto e medida desejada, para justificar desejos, preconceitos, medos, traumas, dramas pessoais e desamparos estruturais?

O termo “crente”, por vezes utilizado de forma pejorativa, descreve uma postura e uma estética. Ao falar-se que outro alguém é “crente”, quem escuta cria em seu imaginário uma figura estereotipada. Figura essa, de alguém que usa roupas sociais para frequentar seus cultos, como terno e gravata no caso dos homens, saias jeans e cabelos longos no caso das mulheres, alguém que rejeita prazeres carnavais, tem uma relação restrita com a cultura e o entretenimento, valores morais enaltecidos, conservadores nos costumes e, é claro, acima de tudo, movidos pela fé, e principalmente por quem a dita, neste caso os seus pastores, comandando este “rebanho”, como por eles mesmos são chamados estes fiéis.

Em seu texto *O mal-estar na civilização*, Freud (1930) levanta o questionamento de que, para o papel de líder “funcionar”, o mesmo deve ser respeitado por seus seguidores, uma presença forte, que seja receptáculo de seus ideais e força representativa de seus desejos; em outras palavras, um exemplo a se seguir, e talvez nunca se equiparar. Transpondo esta visão para o âmbito religioso em questão, podemos ver semelhante poder que alguns pastores têm sobre seus fiéis, crendo em suas palavras, sua interpretação dos escritos sagrados, modo de vida e, obviamente, em seu poder espiritual, visto que para a maioria dos fiéis, aquele representante da fé se encontra mais próximo de seu Deus.

Pois se engana quem acredita piamente nesses estereótipos construídos socialmente, ao passo de que tal descrição se assemelha muito às bases do movimento protestante pentecostal, porém ignora características próprias de outra vertente deste movimento, o neopentecostalismo. Ambas descendem da mesma vertente do protestantismo, e estudos sugerem que seu início data do ano de 1906, em uma comunidade evangélica de negros, na cidade de Los Angeles, que chega ao Brasil por meio de missionários por volta do ano de 1910. Estudiosos do tema, como João Décio Passos (2005), classificam esta expansão no Brasil em 3 “ondas”, a saber: a primeira de 1910 a 1950, com o surgimento de grandes conhecidas da população atual, como a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil; a segunda a partir de 1950 até 1970, quando surgem as igrejas do Evangelho Quadrangular, O Brasil Para Cristo e a Deus é Amor, e, por fim; a partir de 1970 até os dias atuais, a

terceira onda, quando surgem igrejas como a Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça, Renascer em Cristo e Sara a Nossa Terra.

Respectivamente ao surgimento destas ondas do evangelho protestante, podemos relacionar também a própria evolução deste movimento religioso, como destaca Victor Silva (BBC News Brasil, 2023), que relaciona as igrejas de primeira onda a um movimento chamado de “igrejas missionárias”, as de segunda onda ao movimento pentecostal propriamente dito e a terceira onda à igreja neopentecostal, valendo ressaltar que todas coexistem em atividade até os dias atuais. Destacaremos neste estudo principalmente as vertentes pentecostais e neopentecostais, visto que ambos os movimentos surgem após a publicação dos últimos estudos sobre religião publicados por Freud.

As principais diferenças a serem observadas pelas vertentes pentecostais e neopentecostais frente ao protestantismo clássico, podem ser observadas através da relação com o espírito santo, que para os pentecostais se estabelece através da cura, que se realiza a partir da crença do fiel e sua entrega à religião através do batismo, a glossolalia (falar em línguas), que também é presente na vertente original e na vertente neopentecostal, bem como a relação com o pecado, que para o pentecostalismo é algo original e inerente ao ser humano, e sua busca é a vitória nesta luta constante contra o instinto natural de pecar.

Já o neopentecostalismo se baseia no trinômio, “cura-exorcismo-prosperidade”, a cura através da “compra” da santificação, por meio de doações, sejam elas de dinheiro ou de bens, onde, inclusive em algumas igrejas, se estabelece uma taxa fixa de 10% do salário do fiel, o dízimo. O exorcismo acontece durante os cultos, ou em dias específicos designados pela igreja, com a proposta de expulsar o “mal” presente no fiel, mal este designado como o próprio Diabo, que de forma externa está presente nesta fé, e é o causador de seus infortúnios. E, por fim, a proposta de felicidade, saúde, riqueza e bem-estar, através da Teologia da Prosperidade, que discorreremos mais profundamente ao longo deste estudo.

Em seu texto *O Mal-estar na Civilização*, Freud (1930) nos apresenta a inerência do sofrimento da espécie humana vivendo em civilização, a buscar amparo para seus infortúnios mais básicos, dizendo inclusive que “a fome e o amor que movem o mundo”, o que pode nos fazer refletir a respeito dos

motivos por trás da busca pela espiritualidade. Freud também se debruça sobre a relação da civilização com o divino, representadas por Deuses à imagem humana, processo este que já ocorria desde outrora por civilizações Romanas, Gregas e ainda mais antigas, em um processo chamado de “humanização da natureza”, a “mãe-terra”, “mãe-natureza”, onde ao pensar-se sobre a fragilidade de muitos aspectos da natureza, como vulcões que ao eclodirem devastam planícies, furacões que arrasam plantações, tsunamis que afogam e matam a flora e a fauna, em um ponto ainda indeterminado, nossos antepassados associaram que tais feitos da ordem do divino, realizados contra a própria natureza, não poderiam ser de natureza superior ao que conheciam. Surge então a ideia de deuses que são homens superiores, que os criaram à sua “imagem e semelhança”, abandonando assim a ideia de que cada aspecto da natureza fosse sua própria divindade. Porém, independente da visão de imagem associada à face e corpo destas divindades, o tema que discorreremos aqui é a respeito do papel de amparo exercido sobre a civilização desamparada.

Como relaciona Freud (1930), o desamparo remete à infância e ao sentimento de desproteção sentido quando criança, assim como o temor por um pai protetor, porém severo, e este desamparo segue o homem até o fim de seus dias, desamparo em relação à força da natureza, à inevitabilidade da morte e aos sofrimentos e privações da vida em uma civilização, que somos forçados a aceitar ao conviver em sociedade. Ao investir a força libidinal de nosso desejo por amparo em algo exterior, cria-se uma ilusão inerente ao solucionador deste desamparo, neste caso o Deus. Em linhas gerais, e extremamente resumidas, a visão de Freud a respeito da religião é de que ela se baseia em um processo ilusório, fantasia infantil do humano para fazer frente ao desamparo estrutural que o caracteriza.

Freud também sugere que este sentimento humano em relação à religião se assemelha à neurose obsessiva das crianças em seu complexo de Édipo, de seu relacionamento com o pai, passando a ser uma neurose obsessiva universal em relação ao Pai, e este com letra maiúscula, pois “sua aceitação da neurose universal poupa-lhes o trabalho de elaborar uma neurose pessoal” (Freud, 1930, p.58).

Para Freud, o futuro natural da sociedade em relação à religião seria a sua dissolução e suplantação pela ciência, portadora dessa da verdade e realidade do universo. Ao refletirmos a respeito da visão freudiana e psicanalítica da religião, podemos observar alguns aspectos comuns às religiões contemporâneas, principalmente relacionando a figura desse “Pai”, presente praticamente em todas as religiões, citado em cantos e rezas, “Pai nosso que estais no céu”, “Creio em Deus Pai todo poderoso”; ensinado a crianças em uma linguagem infantil, “papai do céu”; que aqui podemos relacionar ao principal personagem da bíblia, Jesus Cristo, filho de Deus, quem segundo a crença cristã, torna-se receptáculo de todos os pecados da humanidade, e sacrifica-se em seu lugar, caracterizando uma resolução punitiva, algo que se assemelha ao Deus do velho testamento, severo, vingativo e, por vezes, perverso.

Esta visão punitiva, que pressupõe que todos os seres humanos já nascem do pecado e precisam buscar a sua redenção, acompanha as religiões durante a maior parte de sua construção ao longo da civilização, porém, nos atentemos novamente ao movimento recente que aqui buscamos compreender. O movimento Neopentecostal busca ativamente os “pecadores”, com o propósito de convertê-los à sua fé, num processo de catequização moderna, ou seria neopentequizaç o?

Ao contrário de igrejas em regiões centrais, vistas principalmente na fé católica, as igrejas Pentecostais e Neopentecostais se aproximam de seus futuros fiéis ao alocar seus templos em regiões periféricas, muitas vezes com pouca ou nenhuma estrutura de bem-estar social, palcos de outros empreendimentos, como cinemas, galpões de antigas empresas, casas de shows, salões de festas e até bares. Ao contrário da fé católica, onde o local é santo e deve ser respeitado como tal, na fé neopentecostal, o culto e a congregação de fiéis é que torna o local santo, ocorrendo até mesmo pregações em praças e vias públicas. O fiel torna-se portador da palavra, podendo pregá-la onde achar necessário.

Outro aspecto que explica a disseminação destas igrejas é a rapidez na formação de novos pastores. Segundo reportagem da BBC News Brasil (2023), José Eustáquio Diniz Alves aponta que “Um padre precisa ficar no seminário meses até poder celebrar a primeira missa” (s/p). Na igreja evangélica, muitas

vezes, a formação dura menos de seis meses. Além, é claro, da flexibilidade cotidiana da vida de um pastor, que pode até mesmo ter outros trabalhos remunerados, usufruir de luxos, em alguns casos proporcionados através do dízimo, casar-se e ter filhos. A figura do pastor, para muitos jovens religiosos da periferia, passa a ser uma possibilidade de futuro profissional, muito mais crível do que a carreira de jogador de futebol, cantor, ator, ou mesmo uma formação no ensino superior, porém de igual prestígio e em alguns casos de fama, evidenciado pelo aspecto midiático deste conceito de igrejas.

A fé neopentecostal, ao contrário do estereótipo cultural citado acima, engloba características da cultura moderna em seu arsenal de estratégias para angariar fiéis, como a criação de grupos de jovens, liderados por jovens, para jovens, através também da apropriação de aspectos culturais modernos que em outras épocas poderiam ser vistos com maus olhos. Através de um processo de ressignificação, desenvolvem criações musicais próprias, redes sociais e aplicativos de relacionamentos, feiras, shows, filmes e centenas de outros produtos focados especificamente no público evangélico deste nicho, que ao invés de abandonar as inovações, se apropriam da tecnologia a seu favor. Além, é claro, da estética de seus fiéis e pastores, citados no início deste ensaio, a respeito dos trajes típicos, que aqui podem ser livremente interpretados como de pessoas bem-sucedidas, empresários, executivos, ou cargos que remetem a uma seriedade e importância perante a sociedade, dando uma oportunidade semanal a este fiel, em muitos casos invisibilizado pela sociedade, de apropriar-se de um status social.

Em entrevista ao portal de notícias Terra (2015), Marcelo Rebello, presidente da Abrepe (Associação Brasileira de Empresas e Profissionais Evangélicos) e organizador do Salão Internacional Gospel, estima que o público evangélico movimenta cerca de R\$ 21,5 bilhões por ano. Com estes números, pode-se observar o quão lucrativo este nicho de mercado é, e seu potencial de expansão, devido ao aumento anual da quantidade de fiéis. Além de estratégias para angariar fiéis, sua estética empoderadora e ressignificação cultural, cabe ainda explorar a principal característica deste movimento religioso contemporâneo, a dita Teologia da Prosperidade, responsável pela manutenção e fidelização do “rebanho”.

## 5. EM NOME DO PAI, DO FILHO E DO SUCESSO

É impossível falar sobre o crescente movimento religioso neopentecostal e não citar o trinômio “cura-exorcismo-prosperidade”, como citado anteriormente. Aspectos como a cura pela fé ou pela doação de bens, presente em ambas as vertentes pentecostais e neopentecostais; o exorcismo praticado nos púlpitos de igrejas evangélicas com a proposta de retirar o mal que se apossa do fiel; chama atenção uma característica única das igrejas neopentecostais, chamada de Teologia da Prosperidade, que se caracteriza pela promessa de bem-estar, saúde e sucesso, e por essa premissa, entenda-se, felicidade, a cura de doenças (mentais e físicas), e riqueza. Discorreremos sobre os atrativos desta promessa para os fiéis, os ganhos para os pastores que a propõem e as problemáticas do ponto de vista psicanalítico a respeito deste movimento contemporâneo religioso, que enlaça fiéis e já faz parte da cultura atual.

Em seu texto *O mal-estar na civilização*, Freud (1930) nos apresenta o conceito do desamparo estrutural, designado pelo sofrimento humano perante as três grandes forças irremediáveis: a finitude do corpo, processo natural a todo ser vivo, que nasce, cresce, consome e gasta energia, por vezes se reproduz, e ao fim, como todo ser vivo, morre; a força da natureza, por vezes impiedosa a nossos olhos, irrompe sobre nossas construções não se importando com nossos objetivos para com elas, tampouco nosso ímpeto de refrear sua força é páreo para o poder arrasador da natureza, se ela, assim o quiser, assim como dá vida, também a tira; e por fim, o próprio ato de viver em sociedade, demanda para cumprir acordos sociais ditos e não ditos, recusa e abdição de instintos humanos animais e primitivos, adocece, gera sofrimento físico e psíquico, e como muitas de nossas neuroses e não-neuroses modernas demonstram, mata. Os causadores de mal-estar contemporâneo, mesmo que vindo de fontes diferentes, compelem o ser humano a um medo instintivo e básico de sobrevivência, o ser humano teme a morte.

Neste ponto, surge a religião, que mesmo após mudanças e adaptações ocorridas através de milênios, tem em seu âmago o objetivo de moldar este homem imperfeito, este homem dito primitivo. Usando como norte a síntese do

pensamento de Freud no texto *O futuro de uma ilusão* (1927), podemos pensar que este homem primevo estava à mercê das forças da natureza, tão superiores a ele, que ele as personificou e lhes atribuiu intenções, buscando apaziguá-las como faria com um pai severo. Assim, as primeiras ideias religiosas nasceram do desamparo e da necessidade de proteção. Ainda segundo Freud:

os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacados; pelo contrário, são criaturas cujos dotes instintivos devem levar em conta a quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não é apenas um ajudante potencial ou objeto sexual, mas também alguém que o tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, a humilhá-lo, a causar-lhe sofrimento, a torturá-lo e matá-lo. (Freud, 1930, p.133).

Levando em conta estas duas citações, da condição inata humana, ao desamparo e ao que pode ser definido como uma predisposição para o mal, o ser humano encontra na religião sua imaginária completude, um apaziguador de seus impulsos homicidas, sede de poder, de posse e desejo. Como vimos anteriormente, em um primeiro momento, a religião exigia deste homem a redenção de seus pecados, através da confissão, para assim conceder a ele sua entrada no céu, segunda e última morada, um convite ao infinito, solucionador de todos os males terrenos, e da própria morte em si. Não importando quais pecados este homem havia cometido, provando que seu arrependimento perante um servo de Deus designado pela igreja, estaria livre, na frase “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus” (Bíblia, 2011, *Mateus 18:3-5*), somos remetidos à ideia da criança e sua pureza, que somente assim, livre de pecados, o homem seria digno do privilégio de subir aos céus.

Freud (1927), ao responder uma carta de um amigo, usa o termo “sentimento oceânico”, ao referir-se a uma suposta plenitude, encontrada pelos fiéis na religião, uma comunhão com o universo, tornando-se assim, uma só parte do todo, algo que, à luz do pensamento psicanalítico, pode remeter ao

narcisismo primário, onde ainda não se tem noção da separação entre o eu e o outro, onde o bebê ainda acredita que o todo faz parte dele, e ele parte do todo. Sentimento este que, segundo Freud, é recuperável apenas momentânea e fugazmente nas experiências de gozo e de êxtase.

Por outro lado, a proposta contemporânea das igrejas neopentecostais sugere que esta plenitude pode e deve ser alcançada em vida, sendo o céu, um bônus. Entra em pauta a “Teologia da Prosperidade”, que segundo o texto de Neto e Da Silva Junior (2010, p.765) “tradicionalmente, os fiéis cristãos rogavam e esperavam pela intervenção dos céus, os neopentecostais, ao pagar o tributo, exigem e cobram. Introduzem um cristianismo pintado com fortes tons capitalistas”, exemplifica exatamente esta ideia de permuta nas vertentes neopentecostais, ao contribuir para a igreja, financeiramente através do dízimo, ou libidinalmente através da crença na palavra. O fiel exige ser recompensado, e a própria igreja incentiva esta recompensa, ao fazer promessas de retorno em benfeitorias ao fiel, “doou o cartão, mas não doou a senha, aí não vale, depois vai pedir um milagre para Deus e Deus não vai dar” (Pastor Marco Feliciano, 2013, (1:47), vídeo sem autor conhecido). Mas, frente a estas propostas, que supostas soluções a igreja neopentecostal entrega para os males estruturais deste fiel, a degradação do corpo, a impotência perante a natureza e o convívio em sociedade?

A primeira já velha conhecida, e comum a quase todas as religiões, desde seus primórdios: a vida após a morte, a proposta de uma segunda chance, de uma suposta plenitude, retorna novamente o “sentimento oceânico” descrito por Freud; um retorno ao todo que é o universo, juntar-se ao criador, a recompensa por uma vida bem vivida, que, se livre de pecados, será recompensada com a vida eterna. Porém, se não forem cumpridos os acordos para com a religião, a danação eterna, ao invés do paraíso, o fiel é condenado ao inferno, ao que muito parece com uma espécie de teologia do medo, relembrando o sentimento controlador presente em religiões mais clássicas. Essa entrada no céu é garantida além do cumprimento desses deveres religiosos, também com a compra deste local como se fosse físico, fenômeno conhecido em mais de uma igreja como “a venda de terrenos no céu”.

Debruçando-se sobre este tema, podemos pensar o que pode levar este fiel a fantasiar com a ideia de uma solução divina para seus problemas

terrenos. Não nos cabe aqui o papel iluminista de desvalorizar tal crença e repudiar toda e qualquer manifestação de espiritualidade. Enxerguemos pelo prisma de que o fiel neste contexto é a vítima, vítima de seus desejos, sim, porém ainda uma vítima em um esquema que em muitos casos empurra este fiel ainda mais para a pobreza com a proposta de tirá-lo dela.

Ainda que existam muitos fiéis com ótimas condições financeiras a frequentar estes cultos, sua esmagadora maioria é composta por pessoas de classe social baixa ou miserável, crendo em uma melhora de vida, como alguém que vende uma galinha dos ovos de ouro, mas se esquece ou escolhe não avisar que estes ovos não passam de bijuteria. E quando com muito custo um bem é conquistado, ele é enaltecido a todos que quiserem e não quiserem ver, estampado em quadros, camisetas, ou mesmo adesivos em carros e caminhões onde se lê: “Foi Deus quem me deu”, ignorando todo o suor e empenho próprio contido na conquista deste bem.

Quando a prece funciona, Deus é louvado; quando não, é porque se doou pouco, acreditou-se pouco, rezou-se pouco ou pagou-se pouco. Ao se deparar com uma vida sem muitas expectativas de futuro, vivendo com menos do que um salário-mínimo, correndo o risco ou passando por condições de extrema vulnerabilização, a ideia de que sua passagem pela terra é algo temporário, mas sua salvação e glória no céu é eterna, a ideia de uma contribuição mensal e uma crença inquestionável parece ser uma boa ideia para uma infinita recompensa. O fiel se apaixona pela religião em um formato pouco ortodoxo de uma síndrome de Estocolmo, apaixonando-se pelo seu algoz, seja por pura ilusão de que este se apresenta em uma posição de poder, ou com uma expectativa inconsciente de que esta seja sua única saída.

Assim, quaisquer percalços encontrados em seu caminho se apequenam, visto que sua salvação e glória eterna estão garantidas, pois seu dízimo está em dia. Desta maneira, a igreja sana o primeiro desamparo estrutural do homem, o da finitude de seu corpo, corpo este que é apenas veículo de condução da palavra divina em vida, pois quando morto nada mais sofrido na terra importará.

E referente à força esmagadora da natureza? O que pode esta igreja auxiliar frente a este desamparo, especificamente em nada, ao pregar que o fiel merece tudo, subentende que merece usufruir desta natureza da maneira que

bem entender, mostrando novamente estes tons capitalistas neoliberais. Porém, quando a força da natureza impacta diretamente estes fiéis, como podemos infelizmente observar com as enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul, o neopentecostalismo e o pentecostalismo transpõem esta culpa para algo externo, como aponta Neto e Da Silva Junior (2010, p.769) “o mundo ganha explicação, pois as adversidades são causadas por um agente externo (Diabo), e a salvação pode ser encontrada também no externo (Deus)”. Iremos observar mais à frente neste ensaio, outros reflexos externos desta consciência de posse a respeito da natureza, se ligando à visão que este fiel tem do homem bem-sucedido, de negócios, empreendedor, que perante a este Deus, venceu.

E por fim, o mal-estar contemporâneo mais inevitável de todos, o convívio em sociedade e seus desdobramentos no próprio laço social deste fiel. Para compreendermos o que une este grupo de pessoas além de sua fé, devemos compreender também o processo que as religiões pentecostais, neopentecostais e diversas outras vertentes antes delas realizam com este fiel, a fim de aliená-lo perante os diferentes modos de vida no mundo.

Em seu texto a respeito do fundamentalismo religioso, Oliveira (2021) reflete sobre a ideia de uma dualidade pulsional, sendo a pulsão de vida responsável pela manutenção e conservação, e a pulsão de morte, amalgamada à de vida, é responsável pela criação e inovação. Transpondo este conceito freudiano para estas religiões, passamos a compreender o intuito de uma padronização dos costumes entre essas religiões, o seu conservadorismo e pouca flexibilidade para o novo, seja nos trajes como citamos anteriormente, no pensamento a respeito dos diferentes modos de vida contemporâneo, gerando preconceitos que são justificados com interpretações torpes de passagens da Bíblia, como no próprio questionamento da palavra divina, o que o pastor fala é lei, “assim na terra como no céu”. O novo é uma provocação ao paradigma religioso, uma ameaça ao que une estes fiéis e dá poder à religião, numa reafirmação massiva do *mesmo*, em detrimento da *diferença* que passa a ser odiada e projetada no outro (todos os outros!) como ameaçadora e perigosa.

Ainda Oliveira (2021, p.9), aponta que,

para que a pulsão de morte não destrua o *mesmo* que se solidificou dentro da formação grupal [massiva] e, desse modo, promova a criação de novas formas de crer e de viver, ela é então desviada, na forma de hostilidade, para os diferentes, situados fora do grupo religioso. desviada para fora na forma de hostilidade, para os diferentes, situados fora do grupo religioso.

Como já evidenciava Freud (1921, p.110) no seu clássico texto social *Psicologia das Massas e Análise do Eu*: “Toda religião é, dessa mesma maneira, uma religião de amor para todos aqueles a quem abrange, ao passo que a crueldade e a intolerância para com os que não lhe pertencem”.

A respeito deste pensamento, podemos entender como ocorre o processo de preconceito e ódio das religiões Pentecostais e Neopentecostais para com outras religiões, e aqui nos referimos especificamente às religiões de matriz africana, muito atacadas, verbal e fisicamente, por membros extremistas destas vertentes. Este sentimento de pertencimento a um grupo dá a ilusão de força e comunhão entre os fiéis, e coloca uma presença física e palpável neste suposto mal, um inimigo comum entre os “irmãos” (como também se chamam os crentes entre si). Encontra-se um representante do Diabo, porém de carne e osso, novamente um agente externo em quem projetar a culpa de seus infortúnios para persegui-lo e atacá-lo.

Ao fazer parte deste grupo (massa) em comunhão, os fiéis se fecham em sua bolha de notícias, assuntos, entretenimento, cultura, política, amizades, relacionamentos, conhecimento, e em muitos casos de mentiras. Ao apenas ver o *mesmo* lado da história, contado para quem também vê o *mesmo* lado, o mundo parece voltar-se contra eles, dando a sensação de que eles são, no final das contas, os únicos portadores do Bem e da Verdade, e ao ver o mal como algo exterior, a encarnação da *diferença* é sempre vivida como perigosa e ameaçadora. Como bem lembrava Freud (1930, p.88), “sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade”. A “salvação” aparece, imaginariamente, ligada à manutenção da comunhão (amor) entre os *iguais*, os *mesmos*, os *próximos*, irmãos em compromissos com a fé, modo de fazer frente aos desprazeres do convívio em sociedade e “libertar-se” da terceira fonte de mal-estar apresentada por Freud: o contato com os outros (a diferença).

## 6 SOBRE A ATUALIDADE DE UMA ILUSÃO

Após compreendermos os acontecimentos e características próprias das igrejas pentecostais e principalmente as neopentecostais, que culminaram na atual estética do protestantismo, onde olhamos mais profundamente sobre a estrutura destas vertentes, também passamos a entender que estratégias as igrejas neopentecostais utilizam para conquistar e fidelizar seu “rebanho”. Além disso, é possível entrever qual a possível vantagem encontrada por estes fiéis em sua religião e espiritualidade. Resta somente compreender os efeitos deste processo no laço social contemporâneo, e seus impactos na cultura e sociedade atual, se munindo de visões da psicanálise segundo escritos de Freud, bem como de seus comentadores. Buscaremos entender a extensão da influência religiosa destas vertentes em outros aspectos que não somente os religiosos e de saúde mental, porém também no âmbito político, comercial e financeiro, encarando estas vertentes como muitas delas aparentam se vender, como marcas contemporâneas, “prestadoras de serviços” espirituais. Trata-se da articulação íntima entre o discurso religioso e o discurso capitalista neoliberal.

O primeiro aspecto a que devemos nos atentar é o ataque desferido por essas vertentes religiosas a outras religiões, principalmente as de matriz africana, como a umbanda e o candomblé, julgadas como profanas, adoradoras de falsos deuses ou mesmo adoradores de entidades demoníacas, julgando suas incorporações, rituais, cantos, vestimentas, ídolos e estátuas, bem como seus locais de adoração, conhecidos popularmente como terreiros. Imbuídos de uma identificação imaginária com a própria justiça divina, julgam tais locais e costumes como profanos. Atentaremos aqui a quais vantagens práticas para as vertentes pentecostais e neopentecostais se associa esta cruzada contemporânea e as motivações de seus fiéis. Resgatando novamente o pensamento de Oliveira (2021), a respeito da dualidade pulsional, sendo a pulsão de vida responsável pela estabilidade e a pulsão de morte responsável pela alteração, o ódio pregado a outras religiões é compreendido por este ponto de vista pulsional, porém quais são as vantagens práticas para seus fiéis que motivam este ataque contra um “inimigo” específico?

Ao refletir sobre isso, Neto e Da Silva Junior (2010) apontam que a possível perseguição é explicada por Freud (1921) nos termos do chamado “narcisismo das pequenas diferenças”, alimentado exatamente por aquilo que aproxima os públicos das duas crenças, (neo)pentecostais e religiões de matrizes africanas, como sugerem os autores ao dizerem que “pensemos (...) naquilo que aproxima as duas religiosidades: público ‘marginal’ (de modo geral, formado por uma parcela mais pobre da população), ênfase no sobrenatural, nos aspectos mágicos, em uma espiritualidade que invade o cotidiano”.

Como afirmam Reino e Endo (2011, p.24)

o narcisismo das pequenas diferenças está relacionado com o conceito de narcisismo, já que, a todo momento, estamos discutindo como se forma e como se mantém uma unidade (do eu e da massa), mas está também relacionado ao conceito de pulsão de morte, afinal, ao que tudo indica, essa unidade só se forma e se mantém quando há um outro a quem se destina essa mortífera pulsão. Coesão e satisfação da destrutividade acabam por formar os dois pólos dessa noção.

Neto e Da Silva Junior (2010) ainda vão além ao sugerir que poderíamos pensar em uma disputa pelo mesmo “nicho” do mercado religioso. Ao pensarmos através do conceito da igreja como um negócio, e da fé como serviço a ser prestado, outras religiões podem sim ser rivais neste mercado religioso, propondo soluções semelhantes, porém com outros caminhos, sem renunciar ao lúdico, sobrenatural e espiritual da apresentação.

As possessões se assemelham muito às incorporações, as propostas de cura através de rezas e penitências, também se assemelham com os “trabalhos” e oferendas praticados pela fé de matriz africana, assim como as semelhanças com as religiões espíritas, a quem os ataques são menos direcionados, mas também contêm semelhanças, como o conceito de vida após a morte, a cura através de uma espécie de passe magnético, promovendo episódios como visto em vídeos de humor na internet, onde pastores usam “armas espirituais” para aniquilar os demônios do fiel, como metralhadoras ou arcos e flechas espirituais (Pastor Júlio César dos Santos, 2021, vídeo gravado em culto).

Usando a proposta da Teologia da Prosperidade, podemos observar também o oportunismo utilizado por outros “nichos” de mercado que se utilizam da prosperidade a qualquer custo, ignorando as especificidades da vida dos

fiéis. Entram em cena os *coachs*, responsáveis por ser uma ferramenta a mais nessa busca pelo bem-estar proposto pelas igrejas, falando sobre investimentos, saúde e empreendimentos, em uma espécie de mentoria. Os *coachs* encontram nesse público uma demanda a ser explorada, visto que estas igrejas incentivam este tipo de aprimoramento pessoal e o prometido sucesso, garantido, é claro, pela fé. Vemos também nos púlpitos das igrejas relatos de sucesso, e não somente de cura como outrora. Os exemplos são de expansão de negócios, investimentos, mudanças de carreiras, compras de bens, viagens, propagandas de um sucesso que em muitos casos é meramente inventado para aquela “apresentação”. Surge daí uma problemática que é o endividamento desta população que, com a proposta de que “Deus proverá”, acaba por muitas vezes enfrentar problemas financeiros devido a maus investimentos influenciados por supostos *experts* na área, pelo simples fato destes se apresentarem como empresários de Deus.

Seguindo esta linha da influência criada nos púlpitos, chegamos, por fim, a uma problemática contemporânea e que impacta diretamente a vida de toda a população, a influência religiosa na política, iniciando pelo período da eleição dos candidatos, podemos notar um expressivo aumento no número de candidatos em 2022 que continham em seu nome algo relacionado a religião.

Segundo dados do Portal de Dados Abertos do TSE (Tribunal Superior Eleitoral)<sup>5</sup>, foram 546 candidatos usando em seus nomes as seguintes denominações (pastor, pastoriza, bispo, bispa, presbítero diácono, obreiro, obreira, apóstolo, apóstola, missionário, missionários e reverendo), números estes que demonstraram um aumento de 32,2% comparado a 2018, as religiões de matriz africana também obtiveram um aumento de 28,8% no mesmo período, passando de 21 para 27 candidatos com denominações referentes a religiões de matriz africana (mãe de santo, pai de santo, babalorixá, de Iemanjá, de Ogum, de Xangô e de Oxossi), porém denominações relacionada a igreja católica nos nomes dos candidatos (padre, frei, frade, da paróquia, da pastoral, eclesiástico, vigário e arcebispo), obtiveram uma queda comparado às eleições de 2018, passando de 22 nomes para 17, uma queda de 22,7%.

---

<sup>5</sup> FONTE: <https://dadosabertos.tse.jus.br>

Vale ressaltar que ter um presidente declaradamente cristão (Jair Messias Bolsonaro) eleito em 2018 influencia o número de posteriores candidatos, porém esta expansão no âmbito político se relaciona diretamente com o aumento do número de fiéis e de templos de vertente pentecostal e neopentecostal, impulsionando o movimento do Protestantismo e consequentemente o pentecostalismo e o neopentecostalismo. Esta influência política impulsiona o poder de alcance destas religiões, seja para angariar mais fiéis, seja para viabilizar a votação de propostas de cunho fundamentalista, relacionadas a valores morais de seus fiéis, um ciclo que se retroalimenta. Uma influência mais poderosa politicamente representa uma liderança mais potente, mais confiança e orgulho por parte dos fiéis e consequentemente uma maior adesão. É fácil entrar no jogo no time que já está ganhando.

A título de atualidade, corre atualmente a votação na Câmara dos Deputados a Proposta de Emenda à Constituição 5/23 (Câmara dos Deputados, 2023, Brasil), que consiste na proibição da “cobrança de tributos sobre bens ou serviços necessários à formação do patrimônio, à geração de renda e à prestação de serviços de todas as religiões”. O texto proposto pelo deputado Marcelo Crivella ainda vai além, proibindo a tributação de organizações assistenciais ligadas a igrejas, como creches, asilos e comunidades terapêuticas. Caso seja aprovada, expande consideravelmente a isenção tributária já concedida a estas entidades.

Segundo Freud em seu texto “O Futuro de uma Ilusão” (1927), a tendência natural da evolução como sociedade seria uma possível substituição dos valores religiosos (descritos pelo autor como uma ilusão e em alguns aspectos uma histeria coletiva), pelo pensamento científico, este sim comprovado por experimentos e embasado empiricamente, algo que não vemos nos dias atuais, onde a expansão religiosa segue a todo vapor, expandindo cada vez mais seu poder de influência em nossa sociedade contemporânea.

Vivemos, pelo contrário, a forte atualidade de uma ilusão, muito mais estratégica, articulada politicamente e com apoio da sociedade. Em contraponto à Teologia da Prosperidade, a psicanálise de Freud não propunha algo como a cura, ou o bem-estar propriamente falando. Em seu texto “Sobre o Narcisismo: Uma introdução” (1914, p.91), Freud destaca que a “psicanálise

não se propõe a curar, mas a tornar conscientes os conteúdos inconscientes; muitas vezes, ao longo desse caminho, a cura ocorre como um efeito colateral." Como destaca Firmino (2018, p.680),

para Freud, um dos objetivos do processo analítico é fazer com o que o analisando vivencie o luto do pai, tornando-se o pai de si mesmo. No limite, Freud, como fica perceptível ao longo de nosso trabalho, mantinha a crença de que a cultura, dado o progresso da ciência e a já citada educação para a realidade, também faria este trabalho de luto. Passados quase cem anos da publicação de *O futuro de uma ilusão*, nos parece que tal proposta está longe de se efetivar.

Por fim, cabe aqui fazer algumas ressalvas sobre o efeito positivo da religião, seja ela contemporânea ou clássica. Como dito anteriormente, a proposta de civilização deste homem primitivo, imbuído de desejos destrutivos, é domada pela religião, como exemplificado por Cruz (2023, p.31): "A espiritualidade pode trazer benefícios ou malefícios para ele, isso dependerá do modo com que ela é empregada".

Fato é que a busca por uma ilusão para chamar de sua acompanha o ser humano desde seus primórdios, sejam elas benéficas ou prejudiciais. o que propomos com este ensaio é a crítica aos rumos que poderá tomar essa escalada vertiginosa destas vertentes religiosas, e além dos atuais, quais futuros impactos no laço social ainda veremos. Mesmo com propostas positivas vistas em alguns representantes religiosos, qual será a possível extensão da perpetuação desta ilusão, visto que a previsão de Freud sobre este futuro se mostrou errônea. Já em sua época, Freud acreditava também no aspecto positivo da religião, demonstrado por um trecho de uma conversa sua com o pastor Pfister, onde nos diz: "Nós sabemos que, por caminhos diferentes, lutamos pelas mesmas coisas para os pobres homenzinhos" (Freud, 1927, p.150)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Compreender todo esse fenômeno religioso em um único trabalho é uma tarefa quase impossível, devido às particularidades de cada uma das religiões contemporâneas aqui estudadas, às diversas transformações ocorridas em nossa sociedade, no comportamento único de cada um dos fiéis e a

repercussão das ações em sociedade, porém cabe aqui ressaltar a importância de cada um destes pequenos ensaios e estudos a respeito deste tema tão amplo. Durante o percurso deste ensaio de revisão integrativa, exploramos três grandes núcleos da religião em sua forma contemporânea, a sua formação e consolidação, seu conceito estético, mostrando por que mudanças o Protestantismo passou, a fim de tornar-se o que conhecemos hoje como pentecostalismo e posteriormente o neopentecostalismo.

Passamos também a entender o comportamento deste fiel e sua busca com a religião, o que se provou sendo muito semelhante ao observado por Freud em seus estudos sobre o tema, no texto “O Futuro de Uma Ilusão” (1927) e em “O Mal-estar na Civilização” (1930), o ser humano busca na religião uma cura ou alívio para seu desamparo estrutural, uma compreensão sobre a vida e uma melhora relacionada a aspectos de sua vida. O que foi observado de fato foi uma mudança por parte da religião, esta sim modificou-se, passando a assumir uma postura muito mais ativa em relação a angariar fiéis, demonstrado pelo seu aumento em popularidade de maneira expressiva nas últimas décadas, e por sua proposta de bem-estar e prosperidade, que observamos através do conceito da Teologia da Prosperidade.

Também compreendemos de que maneira seus fiéis e a própria religião se relacionam com a sociedade em si, atuando em campos como a política, a cultura, o mercado financeiro e a produção em massa de bens e produtos de consumo visando este nicho de mercado. Na política, propondo mudanças na lei que se alinham com seus interesses financeiros, ou em favor de preceitos morais conservadores, amparados por um pensamento fundamentalista característico destas vertentes.

Naturalmente que a psicanálise e a sociedade atual não classificam este fenômeno apenas por seus aspectos negativos, do âmbito da ilusão, como destacava Freud, mas também por seus impactos positivos na sociedade, influenciando a melhora de vida, a saúde, o trabalho e a criação, assim com a comunhão entre pares, e o sentimento de pertencimento ao todo que é a espiritualidade, descrito por Freud como o sentimento oceânico. A problemática que buscamos explorar são os futuros desdobramentos que esta estratégia política e religiosa poderá ter com o passar dos anos. Cabe aqui também ressaltar outra problemática que vem surgindo alinhada ao conceito da

Teologia da Prosperidade: a busca por parte de alguns profissionais da Psicologia que também trabalham com o imaginário da cura total e completa, a busca por uma plenitude da saúde mental, algo que, como podemos observar neste ensaio, não equivale ao pensamento psicanalítico, onde a cura pode vir a ser uma consequência do trabalho analítico, mas não seu objetivo principal. Vemos este fenômeno relacionado também ao trabalho dos *coachs*, *mentores*, *gurus* contemporâneos, com propostas que juntam os dois mundos, a mudança e aprimoramento psicológico alinhado com a fé, uma espécie de “Religião Científica” para a qual muitos profissionais e práticas da Psicologia se prestam desavisadamente.

Por fim, salientamos que este tema está e sempre estará ávido por novos pensamentos, descobertas e discussões. Visto que não se esgota em problemáticas a serem revisadas, destaco que o aprofundamento de pesquisas a respeito da fundação deste movimento e especificamente a virada do movimento pentecostal para o movimento neopentecostal na década de 1970, poderiam elucidar algumas questões sobre o seu desenvolvimento. Também seria de grande valia a exploração da relação do crescimento exponencial do Protestantismo contemporâneo comparado com outras religiões, buscando saber se existe alguma espécie de crescimento semelhante a este fenômeno, que possa ser visto ainda em estado primário em outras religiões.

Concluiu-se, assim, que a motivação da busca pela religião destes fiéis segue muito semelhante ao apontado pela Psicanálise em “O Futuro de uma Ilusão” há quase um século, sendo que a principal mudança diz respeito às estratégias que as igrejas da atualidade utilizam para engajar o fiel na “atualidade de uma ilusão” sempre renovada, estando nos dias de hoje em forte articulação com o discurso capitalista neoliberal.

## REFERÊNCIAS

BBC NEWS BRASIL. **De 17.033 templos evangélicos, em média 22 são abertos por dia no Brasil, revela estudo.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crgl7x0e0lmo>. Acesso em: 26 nov. 2024.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada.** Tradução de Fernando. 3ª Edição. Rio de Janeiro - RJ: Editora NVI, 2023.

BRASIL. **Proposta de Emenda à Constituição no 5, de 2023.** Amplia a imunidade tributária conferida a templos de qualquer culto e ao patrimônio. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/946478-pec-amplia-imunidade-tributaria-para-templos-e-partidos> . Acesso em: 27 nov. 2024.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Proposta de Emenda à Constituição n.5/2023.** Brasil, 2023.

CHAVES, Wilson Camilo; NANI, Rita Helena Gonçalves. Considerações a respeito da concepção de religião nos textos freudianos “O futuro de uma ilusão” e “O mal-estar na cultura”. **Revista Subjetividades**, v. 8, n. 2, p. 453-473, 2008.

CRUZ, Graciele Regina da. **A influência da espiritualidade na vida dos sujeitos: uma visão psicanalítica.** Cuiabá: Psicologia, Faculdade de Cuiabá – FASIPE, 2023.

FIRMINO, Carlos Eduardo. Felicidade e religião em Freud: uma leitura crítica. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 18, n. 2, p. 667-684, 2018.

FREUD, Sigmund. (1914). **Sobre o narcisismo: uma introdução.** In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 83-119.

FREUD, Sigmund. (1915) **Reflexões para os tempos de guerra e de morte.** In: STRACHEY, J. (Ed.). Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 14, p. 281-312.

FREUD, Sigmund. (1921). **Psicologia das massas e análise do eu.** In J. Strachey (Ed.), Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 18, pp. 77-154). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1927). **O Futuro de uma Ilusão.** In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 13-71.

FREUD, Sigmund. (1930 [1929]) **O mal-estar na civilização.** Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1927) **Cartas entre Freud e Pfister**. Viçosa, MG: Ultimato, 1998.

HERESIAS PENTECOSTAIS. **Pastor atinge demônio com arco e flecha**. YouTube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1RhXuA2Mgbg>. Acesso em: 27 nov. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2023**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação & realidade**. Porto Alegre. Vol. 28, n. 2 (jul./dez. 2003), p. 101-115, 2003.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo, Loyola, 1999.

NETO, Gustavo Adolfo Ramos Mello; DA SILVA JUNIOR, Mauricio Cardoso. A Sedução divina no neopentecostalismo: um estudo psicanalítico. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, v. 10, n. 3, p. 757-786, 2010.

OLIVEIRA, Thiago Araújo. Considerações sobre o Fundamentalismo Religioso a partir da Crítica Freudiana à Religião. **Revista Subjetividades**, v. 21, n. 2, p. 1-12, 2021.

PASSOS, João Décio. **Pentecostais: origens e começo**. São Paulo: Paulinas, 2005.

PODER360. **Número de candidaturas religiosas sobe 29% em 2022**. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/partidos-politicos/numero-de-candidaturas-religiosas-sobe-29-em-2022/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

REINO, Luiz Moreno Guimarães; ENDO, Paulo Cesar. Três versões do narcisismo das pequenas diferenças em Freud. **Trivium-Estudos Interdisciplinares**, v. 3, n. 2, p. 16-27, 2011.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 102-106, 2010.

TERRA. **Mercado evangélico cresce ao apostar em consumidor fiel**. Disponível em: <https://www.terra.com.br/economia/meu-negocio/mercado-evangelico-cresce-ao-apostar-em-consumidorfiel,ccccff10d0f6156d00846f3f517978c3mgqxuxdu.html>. Acesso em: 27 nov. 2024.

TORRANO, Luciana Marchetti. O mal-estar contemporâneo, sentimento oceânico e humanidade. **Berggasse 19**, v. 11, n. 1, p. 72-85, 2021.